

# Revista de Comunicação Científica: RCC



# ARTIGO

## COSMOPERCEÇÃO INDÍGENA: A LÍNGUA ORIGINÁRIA COMO RESISTÊNCIA

Indigenous Cosmoperception: the original language as resistance

Cosmopercepción Indígena: la lengua original como resistencia

### Elizabeth Ângela dos Santos

Doutoranda pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professora da Área de Metodologia de Ensino na Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. Membro do Grupo de Pesquisa Pesquisa LEAL – Laboratório de Estudos da Diversidade da Amazônia Legal.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8733-8255>

E-mail: [profabethjuara@unemat.br](mailto:profabethjuara@unemat.br)

### Danilo Seithi Kato

Doutor em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Docente na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) no Departamento de Educação em Ciências da Natureza, Matemática e Tecnologias. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP (Campus Rio Claro/SP) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3065-6812>

e-mail: [katods@usp.br](mailto:katods@usp.br)

Como citar este artigo:

SANTOS, Elizabeth Ângela; KATO, Danilo Seithi. Cosmopercepção Indígena: a língua originária como resistência. In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, maio/ago., vol. I, n. 15, p. 22-32, 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 15 (2024)

ISSN 2525-670X

## COSMOPERCEPÇÃO INDÍGENA: A LÍNGUA ORIGINÁRIA COMO RESISTÊNCIA

Indigenous Cosmoperception: the original language as resistance

Cosmopercepción Indígena: la lengua original como resistencia

### Resumo

Os povos indígenas sempre tiveram a sua língua originária como parte essencial na resistência e luta contra o flagelo da colonização. Nesse sentido este ensaio tem como intencionalidade suscitar reflexões sobre a língua dos povos originários ancoradas nas Bionas (Bionarrativas sociais) suscitadas no contexto da pós-graduação em educação. Devido aos processos coloniais as línguas originárias foram marginalizadas e silenciadas. No entanto, a língua materna sempre foi utilizada pelos povos indígenas como um instrumento de luta por seus direitos, tornando-se uma forma de desafiar as estruturas de poder que historicamente violentaram os seus territórios, seus corpos, suas memórias e suas histórias que são ancoradas na ancestralidade e cosmopercepção do povo.

**Palavras-chave:** Povos Indígenas. Língua Materna. Insurgência.

### Abstract

Indigenous peoples have always had their original language as an essential part of the resistance and fight against the scourge of colonization. In this sense, this essay aims to raise reflections on the language of original peoples anchored in Bionas (social Bionarratives) raised in the context of postgraduate studies in education. Due to colonial processes, original languages were marginalized and silenced. However, the native language has always been used by indigenous peoples as an instrument to fight for their rights, becoming a way of challenging the power structures that have historically violated their territories, their bodies, their memories and their stories that are anchored in the ancestry and cosmoperception of the people.

**Keywords:** Indigenous Peoples. Native Language. Insurgency.

### Resumen

Los pueblos indígenas siempre han tenido su lengua originaria como parte esencial de la resistencia y lucha contra el flagelo de la colonización. En este sentido, este ensayo pretende plantear reflexiones sobre la lengua de los pueblos originarios ancladas en Bionas (bionarrativas sociales) planteadas en el contexto de los estudios de posgrado en educación. Debido a los procesos coloniales las lenguas originarias fueron marginadas y silenciadas. Sin embargo, la lengua materna siempre ha sido utilizada por los pueblos indígenas como instrumento para luchar por sus derechos, convirtiéndose en una forma de desafiar las estructuras de poder que históricamente han vulnerado sus territorios, sus cuerpos, sus memorias y sus historias ancladas en la ancestralidad. y cosmopercepción de las personas.

**Palabras clave:** Pueblos Indígenas. Lengua Materna. Insurrección.

Elizabeth Ângela dos Santos e Danilo Seithi Kato



## **Introdução**

Este ensaio se caracteriza como uma escrevivência forjada através das experiências e afetos que atravessaram minha vida e a vida de um coletivo de pessoas na disciplina “Interculturalidade e Educação Popular: saberes ambientais afroameríndios decoloniais”, ministrada pelo professor Dr. Danilo Seithi Kato no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Rio Claro-SP. Com as atividades da disciplina tive a possibilidade de resgatar histórias, vivências e memórias individuais e coletivas que ao longo da minha vida foram subalternizadas, marginalizadas e invisibilizadas dentro da nossa sociedade colonial.

No dia 12/07/2023 tivemos um bom encontro com três lideranças indígenas: Pajé Karcara-Urú (Povo Araxá), Cacique Germano Al Java (Povo Araxá) e Pajé Ingorar Igihóbóku (Povo Hã Hã Hãe). Esse bom encontro aconteceu em uma sala de aula da Unesp, todas, todos e todes estavam com olhares e sorrisos ansiosos por este momento que pode ser definido como um encontro de almas, que desejavam se libertar das amarras coloniais que insistem em nos aprisionar.

Assim, colocamos nossas vozes e corpos para cantarmos e dançarmos juntos e não para nos dominarmos um ao outro. Nessa constelação cada voz é uma estrela que brilha intensamente com seu canto único, e juntos como um coral gracioso tecemos a melodia que nos fez dançarmos juntos unindo o sentipensar dessa sinfonia que nos fez um convite para nos descobrir e redescobrir em cada gesto, cada palavra e cada olhar.

E assim, no salão da mente a música entoada pelo Pajé Igihóbóku colocou nosso coração e alma em êxtase nos fazendo dançar nas entrelinhas de nossas emoções e verdades que foram construídas como monumentos ao longo de nossas vidas. O canto do pajé era um canto ancestral que ecoava pelo ambiente e nos fez estremecer e assim, implodiu e desmoronou os nossos monumentos que foram erguidos nos alicerces das certezas coloniais.

**Figura 1 - Pajé Ingorar Igihóbóku cantando**



**Fonte:** Elizabeth Santos (2023).

Assim, as três lideranças indígenas com suas palavras sábias que foram guiadas pela ancestralidade nos convidaram a nos libertar das correntes que nos aprisionam e nos fez entender que não há verdades absolutas. Há uma constelação de povos com seus saberes e conhecimentos tradicionais que resistem às violências de dominação colonialista.

Nesse contexto, o sentipensar que atravessará esse texto será tecido com várias linhas anticoloniais possibilitando o reflorestar do pensar do pensamento pautado nos saberes e conhecimentos ameríndios. A partilha dos saberes ameríndios é de extrema relevância para a descolonização da produção do conhecimento possibilitando a construção de uma sociedade que abraça a sua rica tapeçaria tecida com as linhas da diferença, da diversidade e da multiplicidade.

Esse movimento busca dar visibilidade e valorizar o conhecimento milenar produzido por esses povos ao longo da história. Durante séculos a visão eurocêntrica e excludente desvalorizou e subjugou os saberes dos povos originários, que foram violentados das mais diversas formas. A partir do reconhecimento das multiplicidades dos saberes e conhecimentos produzidos é que pretendemos resgatar uma história

que foi silenciada, mas que está conectada a nossa ancestralidade e a um passado/presente que nos constitui.

O processo de colonização que ocorreu em várias partes do mundo foi opressivo e violento para os povos originários. E a violência contra a língua falada desses povos foi uma estratégia de colonização utilizada para controlar e subalternizar os colonizados.

Neste processo de tentativa de aniquilamento da língua os povos colonizados foram forçados a deixar de falar suas línguas originárias (língua materna) passando a utilizar a língua do colonizador como língua oficial. Neste processo de proibição da língua nativa foram usados vários mecanismos de opressão para implementar essa política linguística violenta, tais como, castigos emocionais e físicos, impedir que a língua originária fosse usada em instituições governamentais e nas escolas.

No entanto, apesar de ter ocorrido a tentativa de apagamento e extinção as várias línguas originárias não sucumbiram a esse processo colonial, os povos indígenas resistem para manter ou vitalizar as suas línguas, pois ainda que não sejam falantes de sua língua materna esta sempre será a sua primeira língua. A língua materna é um instrumento de luta e se constitui em um elemento fundamental dos saberes e conhecimentos tradicionais de um povo, estando intrinsecamente ligada à sua ancestralidade, história, memória e cosmopercepção.

Por isso, abordaremos neste ensaio a questão da língua materna dos povos originários, pois, há um movimento de ressignificação da língua como instrumento de resistência e luta política e social, com ações voltadas para a manutenção ou vitalização de suas línguas, possibilitando o resgate de saberes e conhecimentos tradicionais que geralmente são partilhados de forma comunitária pelos anciãos e anciãs através da oralidade.

### **Línguas indígenas durante o processo de colonização: apagamento e silenciamento**

Durante o processo de colonização as línguas dos povos indígenas foram desprezadas e proibidas de serem faladas. Esse processo de apagamento e

silenciamento das línguas originárias fazia parte do processo de dominação colonial que tinha como objetivo uma dominação cultural.

Essa política linguística promoveu a perda de diversas línguas indígenas ao longo dos séculos, pois eram consideradas inferiores, e por isso, foram proibidas de serem faladas sendo fadadas ao esquecimento. Segundo Freire (1982, p. 116)

Língua mesmo só é a do colonizador, a do colonizado é dialeto, é um negócio ruim, fraco, inferior, pobre incompetente, não é capaz de expressar o mundo, de expressar a beleza, a ciência; isso só se pode fazer na língua do civilizado, língua branca que é melhor, mais bonita [...]

Esse processo de branqueamento e apagamento das línguas originárias trouxeram um prejuízo sem precedentes para a diversidade linguística do Brasil, silenciando memórias, saberes e conhecimentos tradicionais desses povos.

Antes da invasão portuguesa a Pindorama era habitada por diversos povos indígenas que falavam cerca de aproximadamente mil línguas diferentes. Conforme dados do IBGE (2022) apud Ricardo e Santos (2023) na atualidade existem no Brasil 266 povos indígenas que são falantes de mais de 166 línguas, totalizando 1.489.003 pessoas. Nesse sentido, podemos perceber um crescimento do número de pessoas que se autodeclararam indígenas, contrariando as afirmações de Darcy Ribeiro (2017) que apontava um decréscimo dos povos indígenas devido às várias formas de violências a que eram submetidos em nossa sociedade, muitas vezes sob a tutela do Estado.

Cabe ressaltar que antes do período colonial imperava o multilinguismo que devido a convivência entre os mais diferentes povos permitiram que os mesmos falassem e entendessem as mais diferentes línguas.

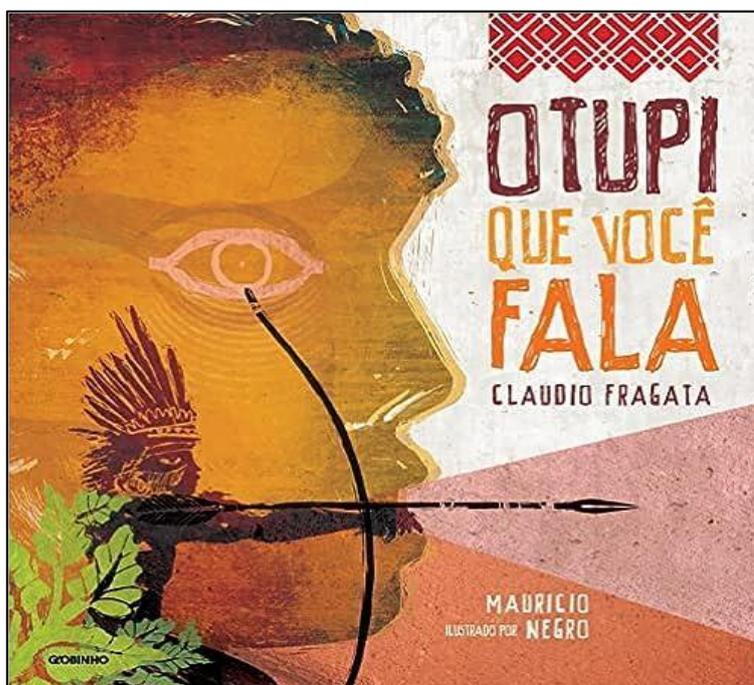
No entanto, a língua mais falada no Brasil antes da colonização era o Tupi, pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani, falado principalmente nas regiões costeiras e influenciou fortemente o português falado no Brasil. Embora permaneça na invisibilidade é tão fácil de perceber que o Tupi está vivo no nosso cotidiano, seja no nome de frutas, animais, plantas e etc.

Podemos perceber também que várias cidades do Brasil possuem nomes oriundos das línguas indígenas, o que pode ser explorado e utilizado como uma forma didática e pedagógica para denotar a importância das línguas indígenas na formação

de nosso país. Segundo Navarro (2021) o Estado de São Paulo é constituído por 645 municípios, sendo que 238 desses são constituídos por nomes indígenas.

O livro “O Tupi que você fala” de Claudio Fragata é um material excelente para se trabalhar algumas palavras em Tupi que faz parte do nosso idioma.

**Figura 2 – Capa do livro “O Tupi que você fala”**



Fonte: Domínio público google, 2023

Embora as famílias linguísticas do tronco Tupi sejam as mais faladas e difundidas, existem mais dois troncos linguísticos que são amplamente falados entre os povos indígenas, o tronco Macro-Jê e o tronco Aruak. Além desses três troncos existem outras famílias linguísticas.

Através desta diversidade linguística podemos vislumbrar a riqueza, complexidade e diversidade dos saberes e conhecimentos tradicionais dos povos indígenas.

### **A língua originária como movimento insurgente e de resistência**

Embora não tenha muita visibilidade no cenário nacional e mundial, o movimento indígena tem protagonizado um ativismo muito forte no que diz respeito às suas línguas originárias, maternas ou ancestrais. A ONU e a Unesco promulgaram a Década das Línguas Indígenas (2022-2032) e o ano de 2019 como o Ano Internacional das Línguas Indígenas, mas os povos indígenas já têm feito esse movimento de afirmação e vitalização de suas línguas há muito tempo.

O Estado ainda tem sido omissos com relação a políticas linguísticas de preservação, vitalização e proteção das línguas existentes. Mas, no ano de 2023 tivemos um avanço com a institucionalização do Ministério dos Povos Indígenas. Nesse contexto tivemos também a substituição do nome da data comemorativa do 19 de abril conhecida como “dia do índio”, para “dia dos povos indígenas”. Pois, o nome índio foi dado aos nativos da terra pelos colonizadores que chegaram a este território acreditando terem chegado às Índias.

O cacique Igihóbóku com seus olhos sábios e expressão serena caminhava entre a natureza e podíamos ver em seu corpo as marcas da tradição do seu povo, seu rosto pintado e adornado com cores, lições, símbolos e subjetivações. Nesse contexto, ele denunciou mais uma violência que seu povo suportou: não poder colocar o nome em suas/seus filhas e filhos na língua originária do povo.

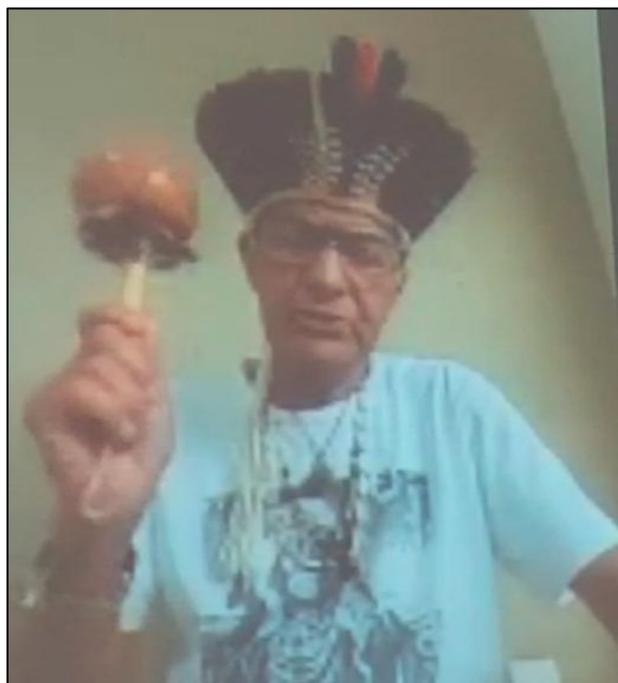
Seus olhos que transbordavam histórias agora transbordaram as lágrimas de um choro melancólico que entoava uma canção triste, que chorava mais um crime contra a humanidade praticada pelas relações coloniais que pretende o silenciamento e apagamento daqueles que foram outrora colonizados numa tentativa de fazer com que eles percam seus pertencimentos ancestrais.

Mas, os povos indígenas resistem e lutam por seus direitos sendo que na atualidade o Estado não pode mais praticar essa violência velada e como reivindicação do movimento indígena hoje eles já podem colocar o nome de seus descendentes na língua materna do povo.

Ao pedir licença aos ancestrais o pajé Karkara-Úru, pois ele nesse encontro será a voz dos conhecimentos e saberes tradicionais de seu povo, e nos afirma que os nomes (na língua materna) para os povos indígenas têm significados que transcendem a palavra meramente dita. O seu nome *Karkará-Úru* tem um significado na língua do seu povo, *Úru* em tupi antigo tem como significado “mochila que transporta o segredo do povo”. Nesse sentido, podemos afirmar que os pajés são

guardiões dos saberes ancestrais dos quais fomos desconectados com o modo colonial de habitar o mundo. Assim, com muita sabedoria suas palavras são a poesia sussurrada pelos ventos da ancestralidade vitalizando as teias de memórias que carregam consigo as histórias e saberes tradicionais do seu povo.

**Figura .2 - Pajé Karkará-Úru**



**Fonte:** Elizabeth Santos, 2023

A liderança Germano Al Java também partilhou conosco que seu nome tem um significado para o seu povo. Esse significado é bem potente sendo que *Al Java* significa “capanga onde guarda-se as flechas”. Nesse sentido, *Al Java* pode ser considerado um “*txucarramãe*” (guerreiro sem armas), pois a arma é feita para destruir o inimigo e quando as outras pessoas não são consideradas inimigas não há mais necessidade de armas para o extermínio.

Assim, as armas que *Al Java* carrega em sua capanga são as flechas da sabedoria ancestral, que ele usa para lutar contra esse grande navio mundo que com a sua ávida sede colonial insiste em embarcar no porão desse navio os povos originários tornando-os “corpos-em-perda” que “pressupõe a perda dos nomes, das culturas, e das subjetividades dos que são embarcados.” (Malcom, p. 100, 2022).

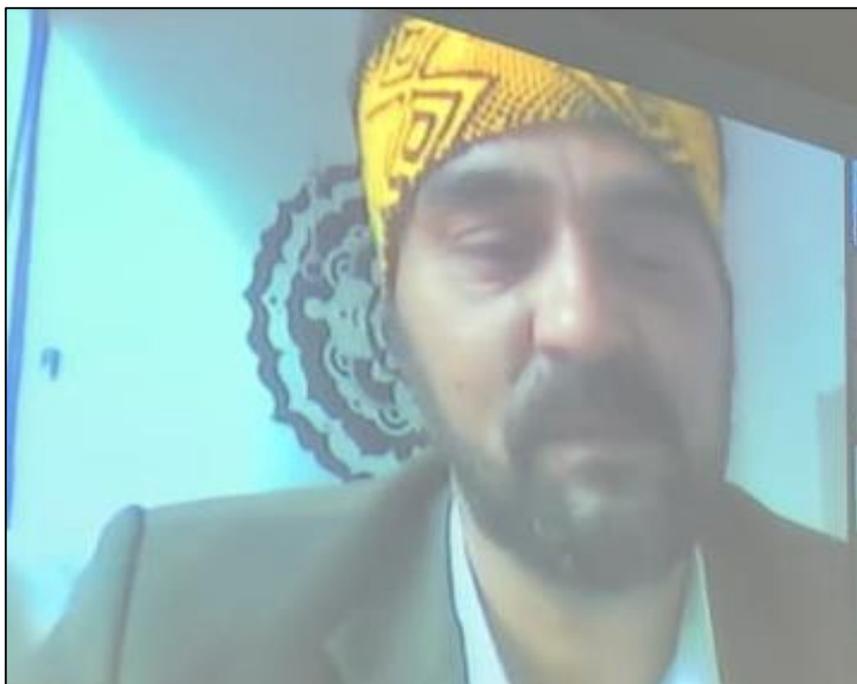
Nesse sentido, *Al Java* é um “guerreiro sem armas” que protege os conhecimentos e saberes tradicionais dos povos indígenas. Sua participação no Tribunal Internacional dos Povos Originários permite que sua voz ecoe pelos ventos

**Elizabeth Ângela dos Santos e Danilo Seithi Kato**



espalhando a sua luta contra a opressão e violência a que os povos indígenas têm sido submetidos há séculos. Sua capanga carrega flechas de luta, conhecimento e esperança para que possamos construir um mundo com justiça social e que respeite as diversidades presentes em nossa sociedade.

**Figura 3 - Germano Al Java**



**Fonte:** Elizabeth Santos, 2023

Por isso, há um movimento insurgente que reivindica que os povos indígenas sejam chamados por seus nomes originários, pois muitas vezes o nome pelo qual nos referimos a eles foram nomeados por não indígenas. No Estado de Mato Grosso podemos dar alguns exemplos: Povo Xavante (A'uwe Uptabi); Povo Kayabi (Kawaiweté); Povo Bororo (Boe); Povo Paresi (Haliti); Povo Juruna (Yudjá).

As línguas indígenas são compostas por várias linhas que se entrelaçam e formam tramas complexas, que carregam as memórias, histórias e ancestralidade de um povo. Da mesma forma que as linhas tecem tecidos, as línguas originárias tecem as experiências e vivências dos povos indígenas. Na cadência das palavras, nas sonoridades e ritmos a língua se conecta à ancestralidade, fazendo com que cada linha que compõe a trama do tecido do povo seja único revelando a sua cosmo percepção.

Essas tramas transportam a sabedoria dos ancestrais, suas histórias, suas lutas, seus conhecimentos e saberes tradicionais, mantendo assim, essa ancestralidade viva e pulsante.

### Considerações

O processo de colonização foi muito violento que tentou promover o silenciamento, marginalização e apagamento de várias línguas indígenas. Mas, os povos originários têm resistido e lutado contra essa opressão colonial que ainda permanece no nosso meio social. E a luta pela preservação da língua é um ato de resistência e fortalecimento dos saberes e conhecimentos tradicionais dos povos indígenas.

A língua materna dos povos indígena é uma parte intrínseca da conexão com a sua ancestralidade, memória e história de cada povo. Sua preservação é um fator fundamental para manutenção das tecnologias indígenas, pois é nessa complexidade e diversidade que as palavras ganham vida.

### Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

DARCY, Ribeiro. **Os índios e a civilização**: a integração no Brasil Moderno. 7ed. São Paulo: Global, 2017.

FREIRE, Paulo. **Um diálogo com Paulo Freire sobre Educação Indígena**. CIMI, 1982.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A Terra dos Mil Povos**: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

MALCOM, Ferdinand. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: UBU Editora, 2022.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Os nomes de origem indígena dos municípios paulistas: uma classificação. **Revista Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 50, n. 2, p. 733-752, jul. 2021.

RICARDO, Fany; KLEIN, Tatiane; SANTOS, Tiago Moreira dos. **Povos Indígenas no Brasil**: 2017/2022.1ed. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental, 2023.

Recebido: 19/11/2023

Aprovado: 19/12/2023

Publicado: 07/04/2024